

CAMILA DE ARAÚJO

Entre Corpos Sensíveis

Brasília 2015

Camila de Araújo

Entre Corpos Sensíveis

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Plásticas, habilitação em Bacharel, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.
Orientador: Prof. Dr. Pedro de Andrade Alvim

Brasília, 2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
-------------------------	----------

DESENVOLVIMENTO.

- Capitulo 1.....5
- Capitulo 2.....8
- Capitulo 3.....19

CONCLUSÃO	22
------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA

AGRADECIMENTOS

Essa é uma das melhores partes da monografia, agradecer aqueles que contribuíram para desenvolver este trabalho. Meus pais sempre me ensinaram através do amor, agradeço a eles, Cândida e Felipe, por ter o privilégio de compartilhar a vida ao lado de pessoas inspiradoras, que sempre me incentivaram e me apoiaram. Agradeço todos meus familiares, principalmente a minha irmã Carolina, minha cúmplice da vida e pela contribuição na correção deste trabalho, a Bentivina que me ensinou sobre as sutilezas, aos meus primos Daniel, Pedro e André e minha tia Débora, que tornaram minha vida muito mais criativa e culta, a minhas queridas Avós Ivone Becker e Maria Eunice Gomes e meu avô José Athayde, que com os seus conhecimentos sempre me incentivaram a pesquisar. Ao escultor e professor Miguel Simão por contribuir tanto com minha formação acadêmica, como também pela grande amizade. Ao meu Orientador Pedro Alvim por toda a dedicação e sensibilidade. Aos integrantes do Coletivo Aia, que tanto me ensinaram e encheram de alegria durante esses anos, Marcos por tantos ensinamentos e parceria, Thaís por todo carinho e sua inteligência sensível, Ingrid pelas trocas intelectuais e musicais. Ao coletivo Saco Azul, que faz parte de toda a minha formação, Karla, Lailana, Lucas, Lemos, Anton, Suco, Bagulheto, Cido, Barba, Anderson, Sara, Mariana, Jean. Aos meus grandes amigos, que sempre estão presentes, contribuindo para o meu crescimento, Luiza, Mariana, Aracy, Nina, Barbara, Karla T, Isabelle, Natasha, Samantha, Gules, João, Veruska, Edu, Vilma, Gui, Mat, Gabriel, Lúcia. E como não poderia faltar, ao meu querido e amado César Becker agradeço intensamente esses últimos anos que compartilhamos juntos sempre me incentivando seguir a diante.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1. Camila de Araújo.....9

Figura 2. Michelangelo, Os Escravos, 1520-1530.....10

<http://www.creativeapplications.net/featured/captives-cg-geological-formations-as-life-size-unfinished-sculptures/>

Figura 3. Celeida Tostes, Gesto Arcaico, 1991..... 12

http://www.ia.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Stricto-Artes/dissertacao_elaine_regina_dos_santos.pdf

Figura 4. Camila de Araújo.....13

Figura 5. Camila de Araújo.....14

Figura 6. Louise Borgeois, 2008.....15

<http://www.cinemapolis.org/?page=archives&mID=996>

Figura7. Camila de Araújo 2015.....17

Figura 8. Camila de Araújo 2015.....18

Figura 9. Camila de Araújo 2015.....21

Introdução

Neste trabalho busquei esboçar algumas das minhas produções e reflexões durante a graduação, período no qual me dediquei à prática escultórica e por consequência ao contato direto do corpo com a matéria. Busquei aprofundar meus conhecimentos direcionando o trabalho mútuo entre o corpo e a mente, ao ponto de não fazer mais essa distinção entre eles. Potencializar os sentidos corporais tem sido a maior busca dentro das minhas produções, com o desejo de reelaborar percepções diante do mundo. Percebi o quanto as condições históricas e sociais influenciam os percursos artísticos, por isso proponho aqui, como vários artistas, principalmente depois da década de setenta, o não mais distinguir entre Arte e Vida.

Para isso, dividirei o texto em três capítulos:

No primeiro abordarei o corpo e as suas possibilidades sensoriais. Apontarei também os problemas de uma sociedade centrada na visualidade.

No segundo, farei uma abordagem teórica e prática sobre aspectos escultóricos.

No último, vou tecer uma reflexão junto à prática da coleta.

Capítulo 1

Quando recordo dos meus momentos de criança, lembro de ver minha barriga e meus pés, lembro do odor desagradável da sopa no prato azul da creche, da textura do tanque e o gelo da água escorrendo. As memórias são curtas, mas, quando como carne de frango por engano, sou transportada de imediato, salto no tempo e volto a comer em um prato azul de plástico. A memória corporal influencia as sensações do presente. Trago no corpo informações de todos os tipos: históricas, sentimentais, intelectuais, sinestésicas. É através dele que me relaciono com o mundo. Por isso a importância de reavaliar os rumos do desinteresse da cultura ocidental perante a integração dos sentidos. Acredito que uma das causas do bombardeamento de informações e a não profundidade na absorção destas seja o descaso do homem com a integridade do seu corpo. Historicamente temos explicações que conduziram a sociedade, principalmente ocidental, a separar o corpo da mente. Essas explicações vêm em uma sucessão de fatos até chegar à nossa sociedade em que o apelo ao consumo mira-se no sentido da visão, relegando aos demais o ostracismo, onde o corpo se reduz a uma idealização da cultura publicitária de massa. O desejo do impacto instantâneo característico das propagandas é um reflexo de todo um pensamento de valores éticos que desconsideram as múltiplas identidades e suas experiências sensoriais.

A exclusão dessas identidades está na ideia de criar um modelo, um modo de ser, que se torna superior aos demais, por isso podemos citar a transição da cultura oral para a escrita como um dos fatores que contribuíram para essa divisão entre a experiência do corpo e da mente, pois a predominância da linguagem escrita, além de marginalizar as culturas orais e aqueles que não dominam suas ferramentas, tornou os pronunciamentos verbais distantes, no sentido das trocas das expressões corporais, de tom de voz e de gestos. Essa mudança interfere no sentido da coletividade, e na percepção de espaço e tempo.

Na Renascença os sentidos eram relacionados com a imagem do corpo cósmico e estavam dispostos de forma hierárquica. No topo ficava a visão, ligada ao fogo e a luz; logo abaixo a audição ligada ao ar; o olfato ao vapor; o paladar à água, e na base, o tato à terra.

Juhani Pallasma em seu livro “*Os olhos da Pele*” pg 16, fala também que os desenhos em perspectiva tornam o olho o ponto central do mundo, da mesma forma, o conceito de identidade pessoal, e essa representação em perspectiva por si própria tornou-se a forma simbólica do que não apenas se descreve, mas também condiciona a percepção. Ao tornar a razão desvinculada do corpo, Descartes influenciou toda sociedade com a sua famosa frase: “Penso logo existo”. Privilegiar a mente em relação à matéria, desvalorizar o manual em relação ao mental, separa o intelecto do corpo e por consequência a visão (associada ao intelecto).

Acho difícil pensar em realizar uma pesquisa sobre algo que não tenha nenhum registro em forma de texto, pois grande parte do conhecimento produzido no universo acadêmico ocidental está na linguagem escrita. O problema é que muitas informações são desconsideradas quando pensamos em realizar uma pesquisa. Estamos tão enraizados nesta forma pretensamente objetiva que é difícil sair dela. Questionar a primazia da visão em nossa sociedade me faz lembrar o primeiro dia em que passei a usar óculos. Vi nítidas as folhas das árvores; as pessoas e seus pêlos, cravos e rugas e não mais borrões de cores. Foi chocante. No processo de usá-los percebi a falta que faziam nas minhas rotinas diárias. Sem dúvida vivi experiências que jamais teria sem eles, mas em alguns momentos me sinto escrava, por não conseguir passar um dia, só com os meus olhos míopes que me deixam desfrutar do meu tão próprio mundo, um mundo mais barulhento, mais flutuante e manchado. Certa vez, ao perguntar aos meus amigos, qual sentido que menos se incomodariam em perder, nenhum respondeu a visão. Fico pensando em uma situação hipotética em que, se a audição fosse o sentido mais utilizado na nossa sociedade e a comunicação fosse feita por frequências sonoras, encontraria maior facilidade. O caso é que enquanto existir a primazia de um sentido, existirá a exclusão de outro. Talvez de modo acomodado que para nós seja o melhor o que nos convêm, o que nos é seguro, isso acabe por nos impedir a novas possibilidades de experiência de mundo.

Merleau Ponty, diferente de Descartes, une o corpo com a mente “Existo, logo Penso” e critica todas as ciências que lidavam com o homem como um objeto e não como sujeito.

Nós não somos uma consciência cognitiva pura. Nós somos uma consciência encarnada num corpo. O nosso corpo não é um objeto tal como descrito pelas ciências. Mas é um corpo

humano, isto é, habitado e animado por uma consciência. Nós não somos pensamento puro, porque nós somos um corpo. Mas nós não somos uma coisa, porque nós somos uma consciência Apud.

Dra. JM. Chauí em sua leitura M. Ponty, abordou no programa Café filosófico da TV cultura em 2010

Merleau Ponty foi um intelectual que interviu no campo da política, fez parte do partido comunista Francês, mas se retirou por não acreditar em um comunismo que tem seu proletariado conta ele, muito menos em um poder militar autoritário. Criticava os partidos comunistas por pregar a idéia da mecanização e da cientifização do Marxismo como algo inquestionável. Não aceitava que o homem se reduzisse aos determinismos sociais, questionava a verdade fixa e dogmática, criticava também as ciências que tratavam o homem como objeto e não como sujeito, reduzindo-o a um “ponto” de investigação.

Não se trata, diz Merleau Ponty, de intuição ou de representação da realidade por recusar a forma de objetividade. O ser humano enquanto ser aberto ao mundo faz com que todas as suas obras estejam situadas neste campo de abertura, processo que permite surgir e criar algo neste ser no mundo. A filosofia é vista por alguns como uma ideologia, tendo por função a ação retórica visando a persuasão política e não mais a busca da verdade conforme a tradição filosófica sempre defendera. O papel da filosofia nesta concepção passa ser essencialmente político quer criticando ou defendendo a sociedade atual tipo industrial no mundo capitalista ou socialista. (COPALBA, 2011)

Neste momento me dou conta de que ao desvelar os interesses dominantes, sejam eles políticos ou pessoais, permitimos um movimento de integridade através do exercício do questionamento infinito. É assim que vejo a arte: ferramenta e agente transformador incessante do “ser”. Proponho neste trabalho fortalecer através da arte, as relações interpessoais que ajustam o indivíduo à consciência do seu potencial.

Capítulo II

Quando iniciei a matéria de escultura e passei a freqüentar o ateliê, senti uma familiaridade muito grande com o ambiente, as máquinas, ferramentas, a densidade das mesas de madeira, o cheiro de argila, os mosquitos e a umidade no ar. É caótica e criativa, a Maquete. Esse ateliê é mais afastado do centro da universidade, e tem várias características rurais. Toda vez que me deslocava do centro acadêmico de artes visuais em direção à Maquete, escolhia um percurso com o objetivo claro de preparar para esse ambiente: adiantava meus passos e me refugiava na sombra, caminhava por entre pitangueiras, me valendo dos seus frutos, até chegar à rua de barro que dá acesso à Maquete. Foi nesse ambiente que me senti livre para produzir. Tornou-se a minha casa, a minha família dentro da universidade. Estagiar na Maquete foi assumir responsabilidade de forma livre, de investir na produção, de discutir e reformular os pensamentos. A proximidade com o escultor e professor Miguel Simão, e sua postura, me permitiu vivenciar o meio acadêmico de forma superior às minhas expectativas. A intensidade e a determinação que são características próprias da sua personalidade contaminaram a produção de todos, a sinceridade que havia neste ambiente nos proporcionou a oportunidade de compartilhar e permitiram expandir nossos horizontes artísticos. A coleta das pitangas é um marco na minha vida. Enquanto comia os frutos e dispensava os caroços, por algum motivo que eu não compreendia naquele momento, comecei a reter as sementes dentro do meu bolso, plantei várias na janela do meu quarto no apartamento em que morava. Já tinha visto sementes brotarem, mas desta vez houve um "clic" de encaixe em mim; mudei o meu olhar, fui conectada a uma compreensão que ainda não consigo descrever, levada à intensidade de vida que aquele momento me trouxe. Voltei para a Maquete decidida a expressar essa transformação sofrida e comecei a criar minha primeira escultura em madeira. O interessante de lidar com a matéria é perceber que ela é dotada de uma vontade própria, pois ao esculpir a madeira, existe diferença em um corte a favor, na diagonal ou contra os veios. A forma como a estrutura da planta se desenvolve direciona e registra informações do ambiente em que ela reside. No momento em que esta é cortada, continua a sofrer e modificar estruturalmente, e é através dessas informações, contidas no seu interior, que o escultor combina e dialoga com o material. Compreender as forças de impor ou incorporar ao esculpir, me remete ao exercício de

sociabilidade, em que é necessário trocar informações e sofrer transformações. Rachaduras inesperadas me fizeram conhecer mais sobre as fragilidades daquele tronco. Em algum momento uma tensão foi rompida e novos caminhos nas suas fendas me possibilitaram entrar, escavar mais. Quando o oco se formou me senti parte daquele espaço vazio.



Camila de Araujo , 2010

Quando vejo essa foto da escultura nos primeiros momentos, me dou conta do potencial expressivo que tem as marcas do encontro entre a goiva e a madeira, as diferentes direções de textura da talha. Poderia assim defini-la como pronta, desta forma ela me enche de ar, me faz querer esculpir. Claro que também tem a história íntima, mas essa percepção do “inacabado”, do processo aparente como forma expressiva, é bastante trabalhada desde Michelangelo na história de arte. Gostei de saber que ele escolhia os próprios blocos de mármore. Esse exercício de sentir o que tem dentro da matéria é muito gostoso e é próprio do escultor que talha.

Bachelard, no livro *A Terra e os Devaneios do Repouso* (2003) em um estudo sobre os devaneios da intimidade material, vai falar que essa necessidade de querer ver o interior das coisas é própria do ser humano e é a mesma de uma criança que destrói seus brinquedos para ver o que tem dentro.

Não retemos se não a necessidade de destruir e de quebrar, esquecendo que as forças psíquicas em ação pretendem deixar os aspectos exteriores para ver *outra coisa*, ver além, ver por dentro, em suma escapar à passividade da visão. (BACHELARD, 2003, p.8)

Quando Michelangelo conserva as características do bloco nas suas obras “Os escravos”, podemos visitar esse encontro entre o escultor e a matéria: os caminhos dos rastros do cinzel nos levam aos corpos humanos que surgem em um movimento do interior da pedra. A sensação é de que sempre estiveram ali. Impressiona-me a integridade desta obra, ela expõe o seu interior sem deixar de ser pedra. Refleti sobre o nome “escravos”, e me veio o pensamento: No interior sou outro sem deixar de ser quem sou, sou escrava da minha liberdade de ser tudo e continuar sendo eu mesma.



Prigioni (O escravo) – Michelangelo (1513-1534)

Aguinaldo Faria em uma palestra para professores, fala sobre este encontro entre o escultor e a matéria onde ocorre uma transformação mútua em que o escultor, ao encontrar a pedra, vira pedra e a pedra esculpe o escultor. Ele conta a história de um livro e narra a experiência de um caçador de onças que de tanto conviver com elas e estudar seus comportamentos não consegue mais matá-las. A sua proximidade fez tornar-se onça e nesta situação ele não pode mais matar o que agora é parte dele mesmo. Achei bela essa compreensão de abrangência quando nos tornamos íntimos de algo passamos a ser este algo, essa possibilidade de ser o que nos propomos, nos aprofundamos.

Rodin era um estudioso das obras de Michelangelo, mas sua técnica era adicionar matéria em vez da subtrair. Sua rápida modelagem era capaz de capturar os movimentos dos seus modelos. O toque da mão no seu trabalho, como também nas obras da Camille Claudel, evidenciam os rastros do processo, a força contra o material que cede “argilosamente” ao desejos da mão, tão presente que encontramos nas obras fundidas as marcas das digitais. É nessa intenção que suas obras têm tanto impacto plástico expressivo.

A mão estabelece um contato muito íntimo com as coisas, o olho que observa pede para que ela continue sua intenção de agarrar a matéria e sentir, deslizar nas formas e texturas. A pele transmite as informações para todo o corpo, sente o aperto de mão, o encontro, o aconchego ou a repulsão: “por meio delas, o homem trava contato com a dureza do pensamento. Elas lapidam blocos, impõem uma forma, um contorno, no domínio mesmo da caligrafia, um estilo.” (FOCILLON, 2001)

Celeida Tostes tem um trabalho que expressa muito bem o encontro da mão com a matéria, a peculiaridade de cada toque capturada na argila flexível: “Gesto Arcaico”, exposto na 21 bienal internacional de São Paulo. Ela utilizou quatro toneladas e meia de barro para fazer 20 mil “amassadinhos” (como chama a autora): são gestos de várias mãos diferentes com o punhado de argila macia, de pessoas de várias classes e idades: crianças de um ano, presidiários, doutores, empregadas domesticas, meninos que moram na rua. As formas capturadas são presas em três paredes consecutivas em volta de uma roda vermelha de cerâmica no chão. Essa interação do outro como agente contribuinte da obra, é bem presente nos trabalho da Celeida, seu vínculo como arte educadora reflete na maneira com que seus trabalhos são concebidos, a argila intermédia as relações sociais e fortalece a comunidade como uma unidade.

Este cenário montado na Bienal teve a intenção de ser uma brincadeira com o olhar, com a referência do olhar. Então usei o gesto reflexo e um objeto, uma roda, confrontando assim o ato de construção do objeto e a construção técnica na referência do olhar. A roda induzia as

peessoas a andarem em volta do espaço, sendo que ela era um objeto de fato enquanto que os outros, os amassadinhos que estavam na parede, tinham de ser construídos pelo olho e pelo espírito do espectador. Penso que o artista deve criar uma relação de diálogo com o interlocutor, convidando-o a colocar sobre o objeto, o olhar dele, o espírito dele. Desta maneira, o “Gesto Arcaico” recriou todo o tempo da exposição. (TOSTES,1992 pg 76)



Celeida Tostes, Gesto Arcaico, 1991

Os “amassadinhos” de Celeida Tostes assemelham-se com as estruturas de osso vertebrais e conchas: é interessante lembrar que eles são formados com o movimento que marca o gesto negativo da mão. Se repararmos as formas, em geral, costumam repetir um certo padrão estrutural e estão sempre sendo comprimidas por forças externas, forças que moldam. Quando uma pedra cai no solo, o impacto que transfere às matérias, dependendo da sua densidade, provoca grandes ou pequenas transformações, e deste encontro sempre deixa o registro do que aconteceu. No caso da pedra atingir um solo fofo o suficiente para formar um buraco, fica mais fácil de visualizar o formato vazio da pedra no solo.

Enquanto ainda estagiava na Maquete, o vazio próprio dos moldes me fascinou, e comecei a relacionar aos registros não só de encontro aos impactos materiais, mas também aos que provocam transformação no nível dos sentimentos. A saudade pode ser a vontade de reviver um encontro marcante que criou formas que ao longo do tempo tornam-se vazias, o vazio também pode ser o preparo para receber o encontro. Gosto dessa idéia, de não saber ao

certo quem molda e quem é moldado. No primeiro instante a pedra parece moldar aquele espaço na terra, mas também é da terra que surgem as pedras. O molde também são casas, casulos, ambientes que acolhem algo em seu interior. Com a vontade de experimentar essas idéias comecei a fazer estudos com gesso e barro, moldei formas simples; bipartidas, até para tornar mais cru o trabalho.



Camila - Estudos, moldes de gesso 2012

Fiz vários estudos, e um deles me marcou profundamente. Substituí o gesso pela espuma expansiva flexível para criar um mais aspecto aconchegante e convidativo. Pensei em um travesseiro, um momento de relaxamento. Quando terminei fui contaminada por uma sequência de sentimentos e escrevi:



Camila, Estudo molde espuma flexível, 2012

“Despejei a espuma em uma forma e a observei expandir, crescia como a massa do bolo ao acrescentar-se o fermento. De fato meu “bolo” cresceu, deixando um vazio onde havia a copia do meu rosto. Esse vazio me impressionou: achei feio em alguns momentos, tinha vontade de inserir imediatamente a minha cabeça, mas não tive coragem. Percebi que só o meu próprio rosto se encaixaria perfeitamente ali. Lembrei das variações de cabeças e na infinidade de pessoas que existem e que poderiam tentar encaixar seus rostos, em especial, na saliência correspondente ao buraco do meu ouvido, que por sua vez entraria em outros ouvidos, imaginei o mau hálito e a saliva que sairia de suas bocas, fiquei com um certo nojo, nojo dos outros, e percebi a intimidade havia naqueles atos: estava exposta, era só o meu molde, mas estava me projetando junto com a minha dificuldade de me mesclar com os fluidos dos demais, sem os critérios que regem o universo da consensualidade a possíveis contatos. O trabalho tornara-se o oposto ao que havia idealizado, ou seja, não mais o ambiente confortável em que todos seriam bem vindos. Negando todos os meus supostos desejos, encontrei dentro de mim um semblante inesperado, um segredo que já estava exposto. Funcionou, foi isso que pensei, a arte estava fazendo exatamente o que eu esperava dela me mostrando a beleza da podridão humana. A beleza de conseguir me ver podre, de assumir os preconceitos e de ser exatamente o que mais abomino. Em alguns momentos não me critico e assim, mesmo que rapidamente, sinto-me plena mesmo consciente de todas

atrocidades do mundo, o equilíbrio das forças, o bem e o mal, não sou diferente, não sou eu, sou tudo e todos pois nada me perturba , nem sinto mais nojo , nem sinto mais isso.”

A experiência que vivi me fez devagar no linear real de uma análise crítica de obra de arte, onde nós seres humanos somos bastante influenciados pelos nossos momentos psíquicos. Como perceber as qualidades estéticas sem envolver nosso sentimento? Quando penso na minha experiência do rosto-negativo na espuma flexível, lembro todo o processo de conflito e aceitação. Lembro-me das histórias de Louise Bourgeois dos seus traumas e as formas de recriar os episódios através das suas obras. Não existe a necessidade de conhecer sua história, suas obras se completam em si mesmas, nos envolvem e provocam inúmeros questionamentos. No entanto adoro ouvir ou, melhor ainda, vê-la em vídeo narrando a história que conta do seu pai. As suas mãos fortes e envelhecidas descascando a tangerina como ele, tudo é muito expressivo, o interior da casa, o seu olhar ávido pelo ápice da história, quando da casca sai a boneca com um talo no lugar das partes íntimas. Muitas vezes descasco a tangerina e lembro das mãos de Borgeois, olho as minhas.



Louise Bourgeois in the documentary film-spider, *The mistress and the tangerine*. Courtesy Art Kale idoscope faudation. 2008

Gosto das experiências sensoriais e me agrada pensar no corpo-indivíduo como extensão da obra. Quando vi os trabalhos da artista cubana Ana Mendieta e sua relação com o

corpo e o meio fiquei intrigada, pois mais do que uma simples idéia de camuflagem, não sei até onde o que ela expressa é sobre ela. Talvez esse sentimento seja universal, a presença do corpo junto aos materiais sugere uma união com a natureza, uma ancestralidade, uma maneira de se fundir, de pertencer ao ambiente. Essa busca interna que a artista narra sobre a necessidade de reconstruir sua identidade unindo-se à natureza é também uma negação, uma crítica em relação ao ambiente em que vive, seus trabalhos são carregados de questões políticas, a extensão das suas obras dão um novo sentido aos ambientes expositivos indo de encontro aos espaços tradicionais do mercado artístico, expõem questões feministas e territoriais, Ana Medieta se funde à paisagem:

I have been carrying on a dialogue between the landscape and the female body," she wrote. "I believe this has been the direct result of my having been torn from my homeland (Cuba) during my adolescence. I am overwhelmed by the feeling of having been cast from the womb (nature). (MENDILETA,1987) ¹

A última pesquisa me inspirou bastante com a idéia do fundir-se a paisagem. Passei a andar pelas ruas e me deparar com montes de objetos como tijolos, sementes, pedras, areia... A grande quantidade de um mesmo material costuma transmitir uma necessidade tátil, o amontoado possibilita uma profundidade, em cada partícula um novo universo e ao mesmo tempo a união entre elas, a unidade. De fato existe um modo de compreender que vivemos em inúmeras escalas espaciais e temos possibilidades infinitas de perceber uma situação. Pensar que a espacialidade ultrapassa os limites da concretude geográfica física e abrange também lembranças, crenças, cultural e histórica, a expansão do conceito fica tão intensa que há a necessidade de estabelecer limite, a matéria se encarrega de temporizar o espaço. Neste trabalho um dos motivos para a escolha de materiais que pertençam ao grupo da matéria prima, mesmo que industrial, é a facilidade de perceber as evidências do tempo. Mesmo que exista a forma própria de cada um perceber essa temporalidade, existe uma força que junta cada peculiaridade e forma com elas uma percepção compartilhada do tempo. Essa repetição de movimento de expansão e contração é que forma o ambiente que captura o conhecimento de forma renovada. Com essa intenção de expandir e renovar meus limites, decidi através do corpo participar de novas organizações. Os montes despejados nas ruas atraíram meus sentidos, não pude mais me contentar com a experiência tátil restrita às minhas mãos, meu corpo vibrante queria sentir por inteiro a imensidão do monte, me encostei sobre ele e aos poucos fui sendo absorvida, meu corpo lidava com a entrega gravitacional e gradativa do peso, da textura, da temperatura, do cheiro... E aos poucos sentia o ar lento, meu corpo escorria sobre as fendas, via o céu, as nuvens, as pessoas e um sorriso familiar que despertava da experiência de ser a montanha de

1

estive desenvolvendo um diálogo entre a paisagem e o corpo feminino", ela escreveu". Acredito que isso foi um resultado direto de eu ter sido "arrancada" da minha terra natal (Cuba) durante minha adolescência. Estou devastada pelo sentimento de ter sido arrancada do útero (natureza) (tradução nossa)



Camila, Amontoados 2015



Camila, Amontoados 2015

Capítulo III

Para a exposição no espaço Piloto, comecei a pensar nos meus trajetos como uma forma poética de realizar um trabalho. Passei a andar pela cidade e coletar as sementes que caíam das árvores de acordo com as estações. Os caminhos que antes eram aleatórios deixam de ser na medida em que descobria suas particularidades, prédios, pessoas, árvores e suas sementes. Propus-me a fazer um trabalho que fosse completamente prazeroso, andar pela cidade e ter em mente que a minha obrigação era me divertir ao coletar sementes. A satisfação de estar em um ambiente aberto, e de ver o por do sol e ter no meu interior que aquele era o meu trabalho e que não estava perdendo tempo, me trazia grande satisfação. Às vezes levava comigo amigos e familiares para fazer os passeios das coletas, também conheci novas pessoas que compartilharam comigo o momento e acabavam aderindo à prática, abaixavam-se ajudando-me com a coleta das sementes. Todos me questionavam por que eu estava fazendo isso, muitas vezes não consegui responder ficava um pouco atordoada, outras eu ria. Havia me proposto a fazer o que tinha vontade, mas só me permiti porque iria utilizar desta experiência para fazer um trabalho artístico, tinha uma meta, uma finalidade que me fez questionar sobre a minha liberdade. Faria algo que eu considerava de extrema importância mesmo que essa ação não me levasse à profissão de artista a qual me legitimaria perante a sociedade? Que profissão é essa que endossa Brigida Baltar a realizar os seus desejos de capturar o efêmero e sair pelos campos coletando neblina? Em que condições o artista pode ser artista? O que é importante para a sociedade? O que entendemos sobre trabalho?

Hannah Arendt fez uma abordagem interessante sobre a concepção da liberdade, desde a antiguidade até a pós modernidade. Para ela este conceito sofre transformação constante e está ligada aos percursos históricos do poder. De uma forma breve o professor e Marcos Spagnuolo explica os conceitos de Liberdade segundo Hannah Arendt. Para ela os homens livres na antiguidade eram aqueles que não eram Labor (homens que trabalhavam utilizando o corpo todo) e nem Faber (os artesões). Livres eram os homens providos de uma fortuna e que se dedicavam aos assuntos da Polis. Depois, passou a ser os que deixavam uma grande obra, uma ponte uma construção que durasse mais que uma vida. Quando Sócrates surgiu, os filósofos é que eram livres. No fim da antiguidade a liberdade pertence àqueles os quais se

dedicam unicamente a Deus e abdicam da riqueza. No início da modernidade, com os pensadores Lutero, Marx, Adam Smith, aparece outra concepção de liberdade: Homem livre é aquele que adquire propriedade. Com essa mudança no pensamento, acontece a primeira e a segunda revolução industrial e depois a tecnológica. O homem moderno se dedica totalmente ao trabalho, tudo passa a virar em torno da economia, não importando os meios para se ter riqueza, a exploração acontece em todos os sentidos, a sociedade destrói o meio ambiente, o homem vive para trabalhar e agregar status. A transição para a pós modernidade que surge com a física quântica, acontece uma ampliação da consciência, o homem percebe a necessidade de voltar para o seu interior.

Esse regresso aos valores, a necessidade de respeitar a natureza e por consequência o homem, me fez reviver um momento que achava ser antigo, rural, do início das civilizações, em plena cidade. Desenvolvi conhecimento, passei a calcular melhor o tempo através do sol, troquei informações com jardineiros que se identificavam com as minhas práticas, comparei formas e cores das diversidades biológicas. Tudo que achava que era interessante e indispensável, coletava. Descobri que muitas pessoas trabalham na coleta de sementes, inclusive é uma nova profissão, existem vários sites para brasileiros comercializarem sementes para o mundo ressaltando o equívoco da valorização econômica da natureza em detrimento à humana. Percebi a força política neste ato de coletar e no resgate ancestral dessa prática antiga dos indígenas para a manutenção da biodiversidade. Fui ensinada na escola a necessidade de ter uma consciência ecológica, e que os recursos estão em extinção, que a sua abundância não existe, e que o homem é o culpado de grande parte deste desequilíbrio. Sinto a necessidade de compreender formas de viver em sinergia com a fauna e a flora e desconstruir essa idéia de escassez. Acredito quando Hanna Arendt afirma que Política e poder não é força e violência e sim liberdade cooperação e ética, o bem comum é através da organização das diversidades em garantir uma vida sinérgica entre o homem e o meio ambiente.

É nesse cosmos que sinto a força dos artistas que nos sensibilizam com seus trabalhos. Brígida Baltar ao coletar a neblina, a maresia, o orvalho, levita as almas e transforma os valores do que é precioso. “Os Parangolés” de Hélio Oiticica unem e fortalecem as relações. “Os bichos” de Lygia Clark põem na mão de todos a potencialidade criativa. Esse poder artístico me encanta, com ele percebo a transição dos valores presentes na pós modernidade que reavalia os fins somente lucrativos.



Camila, Moldes na caixa 2015

Com essas questões em mente decidi unir idéias que considero importante dentro da minha pesquisa. Com algumas das sementes coletadas e também, cascas do ovos, consumidos durante esses últimos meses, criar amontoados. Acima, caixinhas presas na parede que no seu interior conterão o molde de uma das partículas de cada monte. A singularidade destas partículas registrada nos moldes possibilita uma aproximação com a forma e com um processo técnico que muitos desconhecem, mas que em cada caixa tem o registro dos passos quase que de uma forma didática. Mesmo que vazio, o molde é dotado de uma presença, de uma temporalidade, ele registra que algo esteve lá. Também pensei na abundância que um molde pode proporcionar. Às restrições que o comércio da arte tem de acordo com o número da tiragem, definindo ou não a originalidade de uma cópia em sua contagem sequencial, faço uma ponte com a e manipulação das sementes e dos alimentos em função da economia. No meu trabalho todas as partículas são originais, somente uma se encaixa perfeitamente no molde, com a idéia de valorizar a diversidade e também a unidade que cada monte traz.

Conclusão

Termino o meu curso com vontade de cursá-lo novamente, para aproveitar todos os momentos com essa maturação que adquiri durante a graduação. Percebi que quanto mais se pesquisa, mais se torna insuficiente o adquirido. Penso na quantidade de assuntos que gostaria de abranger dentro da minha monografia, mas ainda não tenho condição para isto. Sinto-me instigada a dar continuidade à pesquisa da integração dos sentidos como também da interdisciplinaridade das artes e outras ciências. Com esse exercício de escrever a monografia percebi vários projetos que ainda não concluí e também a continuidade de outros que não imaginei estarem relacionados com os novos.

Referencia bibliográfica

- BACHELARD,Gaston. A terra e os devaneios do repouso. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOURGEOIS, Louise. Destruição Do Pai, Reconstrução Do Pai:Escritos e Entrevistas 1923-1997.São Paulo :Cosac Naify,2000.
- CAPALBO, Creusa, Simpósio Internacional Merleau-Ponty vivo,palestra:MAURICE MERLEAU PONTY e suas contribuição para os dias atuais.2011
- CELIS, Regina, Publicação do Museu so Essencial e do Além disso, Rio de Janeiro 2006.
- CHAUÍ,Marilena, O toque de Merleau Ponty,Café.Filosófico,2 de setembro de 2010
- FOCILLON, Henri. A Vida Das Formas. Portugal,Ed. Edições 70 -Brasil,2001.]
- GAIARSA,José A . O que é o corpo, Editora Brasiliense coleção primeiros passos,1998
- PALLASMA,Juhani. Os Olhos da Pele, arquitetura e os sentidos; tradução técnica: Alexandre Salvaterra.- Porto alegre Bookman, 2011
- RETROSECTIVA ANA MENDIETA,New digitalarchive museum
http://archive.newmuseum.org/index.php/Detail/Occurrence/Show/occurrence_id/157
- RUBIANO, Mariana de M. Liberdade em Hannah Arendt, Dissertação de Mestrado, Universidade de são Paulo, Editora da Faculdade de Filosofia,Letras e Ciências Humanas do Departamento de Filosofia, 2011.
- SILVA, Raquel e COSTA, Marcus L [orgs] Celeida Tostes, Aero plano editora,2010.
- KRAUSS, Rosalind E.. Caminhos da Escultura Moderna. São Paulo,Ed.Martins Fontes,2007